

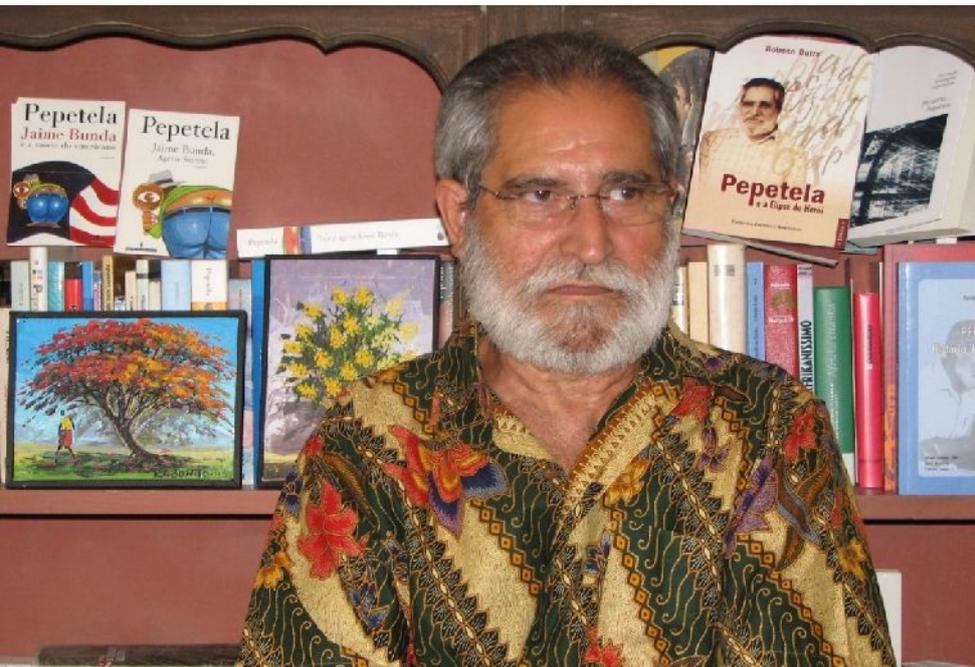
OLHARES DOCENTES

Afirmção identitária e combate às opressões coloniais na literatura engajada de Pepetela¹

Renan Paes Nascimento

Graduando em Letras - Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Pepetela, pseudônimo de Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos (1941), destaca-se na literatura africana de língua portuguesa, sobretudo em Angola, por experimentar a forma do romance para delimitar seu território na literatura. Sua formação em sociologia e sua experiência como integrante no Movimento pela Libertação de Angola (MPLA) - organização política de orientação marxista-leninista que tomou frente da emancipação angolana em relação à Portugal - conferem-lhe um lugar privilegiado como observador e sujeito ativo das mudanças de seu país.



Neste viés, o ponto fulcral de sua obra é a temática da formação da identidade cultural e política emancipada de Angola - explorando-a de forma contundente e de maneira crítica. Seu engajamento político lhe deu um campo de observação e matéria de escrita, uma vez que, em sua visão, em situações extremas como a guerra a violência é capaz de pôr a nu a própria natureza e as contradições humanas, assim como

aquilo que pensam.

Portanto, não é somente pela temática que o autor se destaca, mas principalmente pela forma do romance como meio de expressão. Suas obras são porosas à materialidade histórica do país recém-independente, permeáveis à matéria popular, ancoradas no universo cultural e na tradição oral.

¹ Texto produzido no âmbito do Curso Introdução à Literatura de Pepetela, organizado pela Revista África e Africanidades, no primeiro semestre de 2019.

Destaca-se aqui a obra *Mayombe* (1980) que inicialmente surge de um relato do autor aos seus demais companheiros do MPLA e , estendeu-se aos domínios da ficção. O enredo desenvolve-se na ambientação histórica da guerra colonial, expondo a organização da resistência, o combate armado e o êxito do movimento, em que as personagens a todo põem em dúvida o triunfo da revolução em armas, a libertação nacional e a luta pelo socialismo. O autor focaliza a experiência do sujeito na guerra e as harmonias e dissonâncias do pessoal no coletivo que, no entanto, as ações são impulsionadas pelo sentimento nacional - empreendimento necessário para a afirmação de uma identidade comum destoante e combativa do autoritarismo português se fazia presente desde o século XV.

A narrativa opera por meio do recurso da polifonia, em que as personagens, sujeitos que contam suas experiências individuais no coletivo da guerra, a todo momento, combatem as heranças do sistema colonial, funcionando como denunciante da nação que foi silenciada e agora, no pós-colonialismo, se quer fazer ouvir, rompendo o silêncio da condição colonial.

Nesta proposição, suas obras simultaneamente evidenciam as práticas e consequências do colonialismo português e a centralidade das práticas revolucionárias pelos angolanos para subversão dessa ordem e afirmação de si mesmos enquanto coletivo autônomo capaz de ser regido por suas próprias decisões.